

ICK em Revista

~~ICK em Revista~~

Nº19 - 2º/Sem/08



Instituição Cultural Krishnamurti

www.krishnamurti.org.br

Rua dos Andradas, 29 - Sala 1007 - Rio de Janeiro – RJ
CEP 20051-000 - Tel./ Fax: (21) 2232-2646

Para subscrições gratuitas ou cancelamentos, visite
<http://www.krishnamurti.org.br/phplist>

ICK em Revista

29 de dezembro de 2008

A ICK em Revista é um boletim eletrônico (newsletter) semestral da Instituição Cultural Krishnamurti, que é enviado gratuitamente, via email, para os nossos assinantes. Seu objetivo é levar aos nossos associados, colaboradores e demais estudiosos dos ensinamentos, geralmente dispersos por uma vasta região geográfica, notícias do nosso trabalho e artigos interessantes relativos à obra de Krishnamurti.

Para recebê-la gratuitamente é preciso subscrever a nossa lista de distribuição:

<http://www.krishnamurti.org.br/phplist>

É possível ler a revista on-line ou baixá-la em PDF sem necessidade de subscrição no endereço abaixo:

<http://www.krishnamurti.org.br/?q=node/22>

A ICK em Revista pode ser livremente copiada e redistribuída, porém, para alterações, solicitamos obter o nosso consentimento prévio.

Se você, apesar de estar inscrito na nossa lista de distribuição, não recebe a ICK em Revista regularmente, verifique se não está ocorrendo alguma das situações que mais freqüentemente causam este problema:

1. O email que você cadastrou não é mais válido.
2. Sua caixa postal está persistentemente cheia.
3. A nossa mensagem foi bloqueada pelo filtro anti-spam do seu provedor.

Fale conosco

<http://www.krishnamurti.org.br/contact>

Sumário

Nota Editorial.....	4
Trabalhe conosco.....	5
Novas.....	6
“Nova” Seleta de Krishnamurti.....	6
Legendamento de DVDs.....	7
Centro de Informação Krishnamurti em Portugal.....	8
Entrevista.....	10
Presidente da ICK Onofre Maximo.....	10
Colaboração.....	12
Comentário sobre o encontro na Suíça*.....	12
Seleção.....	13
Vida e Morte de Krishnamurti.....	13
O Movimento da Continuidade.....	15
Sétima palestra em Oak Grove, Ojai.....	20
Artigo.....	23
"Os Ensinos Completos" e a Internet.....	23
Um texto anterior a 1933.....	24

Nota Editorial

Estamos chegando ao final do ano de 2008, ano cheio de dificuldades, marcado por uma crise financeira mundial sem precedentes na história, cujas implicações ainda não conseguimos vislumbrar totalmente. Parece claro contudo, que a ganância descontrolada dos homens está por trás de toda a confusão reinante nos mercados financeiros mundiais, trazendo grande sofrimento, na forma de desemprego, perda de renda e diminuição da produção de bens essenciais para o bem-estar humano.

Parece-nos mais claro a cada dia, que é urgente uma mudança na consciência do ser humano, sobre a qual Krishnamurti sempre nos falou, como a única forma de fazer a verdadeira revolução na nossa sociedade, uma vez que todo sistema social, seja capitalista, socialista, ou o que for, vem se revelando falho, pois não pode mudar o interior dos homens.

Nós da ICK estamos convictos de que não há nada mais importante a ser feito do que divulgar os ensinamentos de Krishnamurti, por isso não poupamos esforços para que as suas palavras cheguem ao maior número de pessoas possível. Manter a chama dos ensinamentos acesa contudo, é uma tarefa de difícil execução, uma vez que poucas são as pessoas que têm atenção voltada para eles e nós nos recusamos a fazer qualquer tipo de apologia, sabedores que Krishnamurti abominava propaganda.

A ICK deve ser apenas um lugar onde aqueles que buscam compreender toda a complicada rede de condicionamentos que nos cega, possam encontrar fontes seguras e abundantes dos ensinamentos, assim sendo, estamos intensificando o nosso trabalho de produção de novos títulos de livros e de DVDs legendados, como o leitor poderá conferir nas páginas desta revista.

Queremos também mostrar a face humana da nossa instituição, por isso estamos trazendo artigos assinados por nossos colaboradores, além de uma entrevista com o presidente Onofre Maximo.

A ICK não é uma entidade que exista por si só, ela é o que nós, os que vemos a importância de Krishnamurti, fizemos dela, e é fundamental que nos unamos em torno da nossa instituição para torná-la mais forte a cada dia. Sendo uma associação sem fins econômicos, constituída por pessoas empenhadas na preservação e divulgação dos ensinamentos de Krishnamurti, não tem proprietários, e qualquer pessoa interessada pode ajudar a conduzi-la.

Resolvemos trazer neste número textos antigos de Krishnamurti, que mostram o quão coerente ele foi ao longo dos anos, entretanto, mesmo para ele, os trabalhos anteriores a 1933 devem ser vistos com cautela, pois muitos carecem de revisão, conforme depreendemos do artigo extraído da Newsletter da KFT e publicado ao final da revista.

Trabalhe conosco

"Quando Krishnamurti se for, e ele irá, o que acontecerá com os seus ensinamentos? Depende do senhor e não de outra pessoa. Depende do que eles significam para o senhor". (Krishnamurti)

Todo o trabalho da ICK é desenvolvido por colaboradores voluntários e grande parte dele é feita à distância, por meio de um grupo de discussão na Web, uma vez que as reuniões presenciais raramente são possíveis, dado estarmos geograficamente dispersos.

Se você considera importante a ICK em Revista e quer participar da sua feitura, entre em [contato](#) conosco. Basta ter uma boa redação e acesso à Internet, sendo desejável também conhecer softwares de edição e de digitalização de textos e imagens. Nosso objetivo é melhorar constantemente a nossa revista, dotando-a de bons artigos e da qualidade gráfica encontrada nas newsletters internacionais como a The Link, por exemplo.

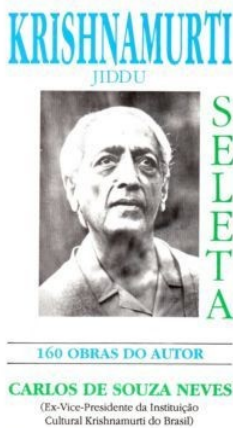
http://www.kinfonet.org/the_link/

O voluntariado na ICK não gera nenhuma obrigação de ordem financeira ou de qualquer outra ordem. As pessoas engajam-se livremente nos nossos projetos na medida das suas capacidades e das suas possibilidades.

Junte-se a nós. Não deixemos que se apague a luz dos ensinamentos Krishnamurti.

Novas

“Nova” Seleta de Krishnamurti



O livro "Seleta de Krishnamurti", do falecido ex-vice-presidente da ICK Carlos de Souza Neves encontra-se esgotado. Trata-se de uma coletânea de excertos de 160 obras de Krishnamurti, que Souza Neves selecionou durante doze anos e compilou sob uma taxonomia bastante abrangente, em cerca de 860 páginas e 136 capítulos.

O livro, originalmente editado pelo próprio autor no início do anos noventa, foi digitalizado pela ICK e publicado na íntegra, para leitura online no nosso site:

<http://www.krishnamurti.org.br/?q=node/538>

Desde a sua publicação, há seis meses, o link do livro online já foi visitado por cerca de três mil pessoas, atestando o acerto da nossa iniciativa.

Embora consideremos a Seleta uma excelente fonte de consulta, que pode ajudar a todos que buscam os ensinamentos, percebemos que a obra carece de revisão e atualização, razão pela qual iniciamos o projeto de um novo livro nela baseado, cujo título provisório é Nova Seleta, e que está em elaboração por um grupo de colaboradores da ICK.

A Nova Seleta conterá basicamente os mesmos excertos da Seleta primitiva, porém em grande parte deles está sendo feito um cotejo com os originais em inglês para assegurar a máxima fidelidade às traduções. Os excertos de obras anteriores a 1933 serão expurgados, coerentemente com a decisão das Fundações (KFT e KFA) sobre as mesmas, conforme está registrado no artigo que publicamos ao final da revista.

Decidimos também fazer uma revisão nos tratamentos utilizados no livro, trocando os de 2ª pessoa do plural para o coloquial você/vocês, mais condizente com o nosso falar atual e conseqüentemente de mais fácil leitura.

O livro Nova Seleta, ou que título vier a ter, será publicado, em edição impressa, em meados do próximo ano e colocado à venda na ICK. Estima-se que virá a ter cerca de 800 páginas. Visitem regularmente o nosso site para manterem-se informados da sua publicação.

Trecho selecionado da Seleta de Krishnamurti, versão impressa original, pág. 180

Para mim, a verdade, essa integridade de que falo, acha-se em todas as coisas. Portanto, a idéia de que necessitais progredir em direção à realidade é uma idéia falsa. Não se pode progredir na direção de uma coisa que sempre está presente. Não se trata de avançar para o exterior ou de voltar-se para o interior, mas sim de se libertar dessa consciência que se percebe a si mesma como separada. (Coletânea de Palestras, 1930-1935, pág. 18)

Quando houverdes realizado tal integridade, vereis que tal realidade não tem futuro nem passado; e todos os problemas relacionados com tais coisas desaparecem inteiramente.

Uma vez que o homem realize isso, vem-lhe a tranqüilidade, não a da estagnação, porém a da criação, a do ser eterno. Para mim, a realização desta verdade é a finalidade do homem. (Idem, pág. 18)

Nota: Carlos de Souza Neves incluiu excertos bastante antigos na Seleta, como estes que publicamos acima, que porém enfrentam algumas restrições de publicação, pelo que sugerimos a leitura do artigo "Os Ensinos Completos" e a Internet" publicado ao final da revista.

Legendamento de DVDs

As Fundações, como são conhecidas a KFA* e a KFT**, decidiram neste ano, que os DVDs que documentam o trabalho de Krishnamurti passarão a ser produzidos no formato DVD 9, também chamado Dual Layer, em substituição ao formato DVD 5 (Single Layer), e que, aproveitando a grande capacidade de armazenamento da nova mídia, trarão todos os vídeos de uma mesma série num único disco.

Se quisermos inserir as legendas em português nos novos DVDs, temos que ter prontas todas as palestras a eles correspondentes nas datas estabelecidas no cronograma das Fundações. Não são aceitos trabalhos parciais, assim sendo, em fevereiro próximo, por exemplo, devemos entregar à KFT as legendas de todas as seis palestras da Série Brockwood 79, conforme estabelecido na programação daquela instituição.

Para realizar tal tarefa, contamos com uma limitada força de trabalho, constituída de voluntários que vêm se desdobrando para cumprir os prazos e colocar o maior número de títulos legendados em português à disposição do público no mais breve intervalo de tempo.

Eis o cronograma das Fundações para os próximos meses:

Mês	Título	Fundação (nº de palestras)
Fevereiro	BP79 On Being Conditioned	KFT (6)
Março	Anderson Talks	KFA (9)
Abril	Real Revolution	KFA (2)
Maiο	Conversations with Father Schallert, S.J.	KFA (1)
Junho	Conversations with Pupul Jayakar	KFT (?)
Julho	SA79 What Love Is Not	KFT (12)

Em princípio estamos procurando focar o nosso trabalho nos DVDs da KFT, cujo processo de preparação para legendamento encontra-se mais adiantado.

Os DVDs 9 (Dual Layer) requerem aparelhos compatíveis para serem executados, ou seja, não tocam nos equipamentos de DVD antigos, o que, a nosso ver, pode ser um complicador para a sua aceitação no Brasil. Felizmente conseguimos fazer um excelente acordo com a KFT, que, mediante o pagamento de módicos royalties, nos permitirá separar as palestras de uma mesma série, produzindo DVDs 5 (Single Layer) para o mercado brasileiro.

Se você conhece a obra de Krishnamurti, é fluente em inglês e quer trabalhar no legendamento dos DVDs, entre em [contato](#) conosco.

* KFA – Krishnamurti Foundation of America - EUA

** KFT – Krishnamurti Foundation Trust – Inglaterra

Centro de Informação Krishnamurti em Portugal

A nossa colaboradora Isabel Gonçalves, de Portugal, acaba de fundar o Centro de Informação Krishnamurti, na sua cidade, Maia, que deve se tornar mais um ponto de convergência dos estudiosos dos ensinamentos naquele país, do qual todos descendemos lingüisticamente. A ICK congratula-se com a Isabel pelo acendimento de mais um farol no mundo lusófono, que certamente irá ajudar a espalhar a luz de Krishnamurti na nossa grande comunidade internacional. Abaixo, um breve artigo da nossa colaboradora e amiga do outro lado do Atlântico.



Se bem o pensei, melhor o fiz!

Isabel Gonçalves

Centro de Informação Krishnamurti, Maia, Portugal

Como tão sentidamente diz o meu estimado amigo Ivan Mourão, urge dar a conhecer ao mundo, nem que seja apenas no âmbito do aparentemente pequeno e restrito mundo do nosso círculo social, as palavras de Krishnamurti! A cada segundo que passa o mundo parece estar a tornar-se cada vez mais estéril, mais estereotipado, mais automático, mais implacável, mais contundente, cada vez mais necessitado de compreensão, de auto-compreensão.

Se cada um de nós, aqueles de nós que se vêem tão fielmente retratados nos ensinamentos de K, assumirem na sua vida quotidiana um papel polinizador, tão natural e sereno quanto o da abelha e o da borboleta que transportam o pólen daquém para além e tornam a vida ainda mais fecunda, estaremos sem dúvida a contribuir para um mundo melhor!

Foi nesse espírito de fecundação, de sementeira e colheita, que, com a preciosa ajuda da Krishnamurti Foundation Trust que me forneceu alguns materiais (livros, DVD's, folhetos, etc.) para que eu pudesse começar e com o apoio tão carinhoso e incondicional da ICK Brasil, iniciei o Centro de Informação Krishnamurti da Maia.

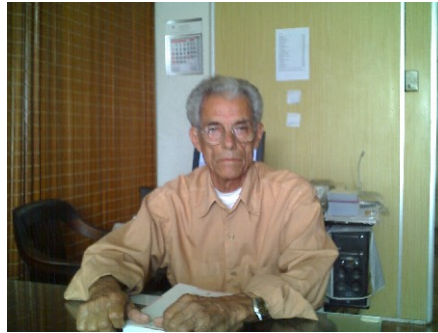
O Núcleo Cultural Krishnamurti, sediado em Évora, uma bela cidade do centro de Portugal, e que já funciona há uma boa dezena de anos, teve a amabilidade de divulgar no seu último Boletim este recém-criado Centro e, como resultado, já fui contactada por pessoas do norte e do sul de Portugal,

que se mostraram extraordinariamente receptivas a tal iniciativa!

O próximo passo é, pois, promover reuniões para discussão das palavras de K com a possível assiduidade, mantendo desta forma acesa e viva a chama dos seus ensinamentos! Estas reuniões serão feitas em minha casa, que é afinal o Centro, e as suas portas sempre estarão abertas para todos aqueles cujas vidas se pautam pela sede insaciável e fecunda de olhar profundamente para a Vida e de nela ver realmente *o que é!*

Entrevista

Presidente da ICK Onofre Maximo



Revista: Como você conheceu Krishnamurti?

- O.M.: Foi em 1963, numa feira de livros, quando tive a curiosidade despertada pelo título do livro "Quando o Pensamento Cessa" e o comprei. De lá para cá não parei mais de ler os ensinamentos.

Revista: E quando foi que você veio para a ICK?

- O.M.: Filei-me à Instituição em 1965, como sócio contribuinte, e passei a receber dois livros e quatro boletins (Carta de Notícias) por ano.

Revista: E o que mais lhe chamou a atenção nos ensinamentos de Krishnamurti?

- O.M.: Sempre busquei explicações para as intrigantes questões que envolvem o nosso pensamento, tendo procurado respostas em outras fontes, porém ao me deparar com Krishnamurti, verifiquei, após um período inicial de dificuldades de compreensão, que ele trazia uma grande verdade.

Revista: Quando foi que você se tornou presidente da ICK?

- O.M.: Foi após a saída da presidente Jandira Hollerbach, em 1999, porém desde 1997, eu já integrava o Conselho Fiscal.

Revista: E desde então você vem sendo eleito sucessivamente para o cargo?

- O.M.: Sim.

Revista: Que importância você vê na ICK para se dedicar há tanto tempo a uma atividade não remunerada?

- O.M.: Os ensinamentos de Krishnamurti são de suma importância no mundo atual, cheio de conflitos, desordem e confusão. A mudança da sociedade tem que começar a ser feita no homem e não nos sistemas.

Revista: E como anda a ICK atualmente?

- O.M.: Estamos mantendo um bom equilíbrio entre receita e despesa, graças às contribuições de muitos colaboradores. Temos conseguido trazer novos vídeos legendados para o Brasil e estamos também nos esforçando para que novos livros sejam publicados. Felizmente temos podido contar com um bom número de dedicados tradutores

e legendadores para tais tarefas.

Revista: Quais são as perspectivas para o futuro da ICK?

- O.M.: A ICK existe desde 1935, sempre atuando discretamente em prol da divulgação dos ensinamentos de Krishnamurti no Brasil e creio que podemos esperar que ela assim continue. Não nos cabe fazer propaganda dos ensinamentos, mas tão somente desempenhar o modesto papel de fonte de consulta para aqueles que os buscam.

Revista: Você poderia selecionar para nós um pequeno trecho de "Quando o Pensamento Cessa" que acha marcante?

- O.M.: Sim, este aqui:

"Que se entende por idéia? A idéia, por certo, é o processo de pensamento. Não é verdade? A idéia é um processo de mentalização, um processo de pensamento; e pensar é sempre uma reação, quer do consciente, quer do inconsciente. Pensar é um processo de verbalização, o qual é resultado da memória; pensar é um processo do tempo. Assim, quando a ação se baseia no processo do pensar, tal ação, inevitavelmente, será condicionada, isolada. Idéia tem que opor-se a idéia, idéia tem de ser dominada por idéia. Há sempre um vazio entre a ação e a idéia. O que estamos tentando averiguar é se é possível a ação existir sem idéia. Vemos como a idéia separa as pessoas. Como já tive ocasião de explicar, o saber e a crença são, essencialmente, qualidades separativas. As crenças nunca unem as pessoas; sempre separam as pessoas; quando a ação está baseada em crença, ou em idéia, ou em ideal, tal ação não pode deixar de ser isolada, fragmentária."

Colaboração

*Comentário sobre o encontro na Suíça **



Por Thomas Cunali Prestes
(colaborador da ICK, atualmente morando na Inglaterra)

Vim do Brasil para a Europa há um ano, e há três meses estou morando em Brockwood Park School, que é uma das escolas fundadas por Jiddu Krishnamurti, ao sul da Inglaterra.

Alguns dias atrás, no entanto, coloquei a mochila nas costas e fui pra Suíça, para participar do encontro internacional em torno dos chamados ensinamentos de K.

O encontro se dividia em várias partes, e teve sede em mais de uma região do país. Particpei apenas do último programa, que consistia em um retiro nas montanhas para jovens (por mais que

o fator idade não tenha sido de forma alguma rigoroso: havia gente das mais variadas...!)

A pequena vila onde nos encontramos chama-se Bourg-St-Pierre. Estivemos, alguns de nós, hospedados na casa da Gisèle, uma senhora suíça baixinha e vigorosa, trustee de Brockwood Park, que há anos organiza esse encontro. Os demais participantes nos dividimos em dois chalés, próximos à casa onde Gisèle nasceu e cresceu.

Nos encontrávamos todos os dias pela manhã, para o desjejum, e após lavarmos a louça e arrumarmos um pouco a casa, sentávamo-nos juntos para assistir uma fala de Krishnamurti. Algumas vezes um dos participantes - um senhor vindo da Índia - tocava por alguns minutos uma flauta doce docíssima, e em geral compartilhávamos bons momentos de silêncio.

Após o vídeo havia sempre um diálogo, e, lá pelo meio dia e meia, almoçávamos sentados na rua ou nas escadas em frente à casa, sob o sol.

Todos os dias saíamos para caminhadas; algumas mais longas, subindo grandes montanhas, e outras um pouco mais curtas, pelas redondezas. O cenário era incrível, com as montanhas de pico branco, sol, céu azul, muito ar fresco, silêncio e flores silvestres.

Houve algumas atividades junto às árvores e plantas, houve também pequenos grupos se encontrando para yoga, chi kung, além de uma divertidíssima ceia em volta da fogueira em frente ao rio (com direito a histórias, brincadeiras e outras coisas de fogueiras). No mais, houve música, dança, conversas e cantoria.

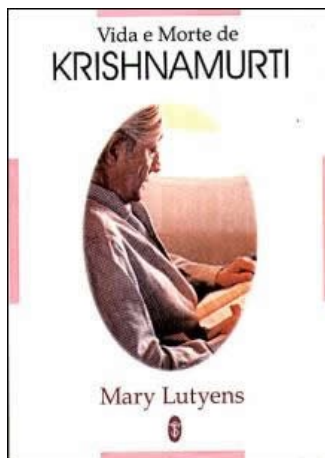
Convivemos juntos por mais ou menos oito dias, e o grupo variou de mais ou menos onze até vinte e uma pessoas. Cozinhamos, limpamos, pensamos nosso cronograma, nos divertimos, nos organizamos. O clima amistoso e ao mesmo tempo de sério questionamento proporcionou, a meu ver, uma ótima oportunidade de olhar-se calmamente, com atenção, sem distrações. Pessoalmente, achei que - em meio àquela atmosfera, àquelas pessoas, àquele lugar - pude encontrar com bastante naturalidade algumas das questões que são de fato genuínas a mim. Pude olhá-las. Mas, agora, pensando nesse encontro, me pergunto por que é que em geral não criamos, no nosso dia a dia, uma tal atmosfera, uma atmosfera de verdadeira amizade e carinho, e de profunda atenção e questionamento. O que é, se posso aqui perguntar, que nos faz perder-nos na rotina, e que depois, tão fracos, nos faz aceitá-la?

Quem sabe eu possa colocar essa questão aqui em Brockwood; quem sabe possamos colocá-la uns aos outros, ou - acima disso - quem sabe possamos olhá-la de perto nós mesmos?

* International Gathering, realizado na cidade de Murren (Suíça), em agosto de 2008

Seleção

Vida e Morte de Krishnamurti



... K explicou o que queria dizer com a frase “nunca ser ferido psicologicamente”. Ele estava discorrendo sobre “viver com sofrimento” e continuou:

Estamos vendo o fato, “o que é”, o que está sofrendo... Eu sofro, e a mente está fazendo tudo o que pode para fugir disso... Portanto, não fujam do sofrimento, o que não significa que devem tornar-se mórbidos. Vivam com ele... O que está acontecendo? Observem. A mente é muito clara, afiada. Ela encara o fato. O sofrimento transformado em paixão é enorme. Disso surge uma mente que nunca pode ser ferida. Ponto final. Este é o segredo.

Em uma de suas cartas para as escolas datada de primeiro de maio de 1979, K iniciou um parágrafo assim: ‘Deus é desordem. Se continuamos a ler, o significado que ele quer dar a essa afirmação fica perfeitamente claro: “Considerem os inumeráveis deuses que o homem inventou... E observem a confusão que isso criou no mundo, as guerras que acarretou”. Os pais de uma aluna de Brockwood receberam essa carta nas férias e, ao lerem a afirmação nua e crua “Deus é desordem”, ficaram tão chocados que pensaram em tirar a menina da escola. Várias afirmações diretas de K confundiam as pessoas: “Os ideais são coisas brutais”. (Essa afirmação significa o mesmo que “Deus é desordem”); “Não existe uma coisa tal como amor infeliz”; “Se vocês realmente amassem seus filhos não haveria guerras”; “Todo pensamento corrompe” ou “é corrupção”. Essa última é a mais difícil de compreender. Ele, muitas vezes explicava-a detalhadamente nas palestras. Disse, por exemplo, numa delas: “Estamos usando a palavra mente para indicar os sentidos, a capacidade de pensar, e o cérebro, que armazena todas as memórias como experiência, como, conhecimento... O conhecimento corrompe a mente. O conhecimento é o movimento do passado e, quando o passado encobre o presente, há corrupção. Estamos usando a palavra corrupção no sentido daquilo que está partido, aquilo que não é tomado como um todo”.

Pág. 211, 212

Dois dias antes da primeira palestra, foi publicada no Washington Post uma longa entrevista com K, feita magistralmente por Michael Keman. Além de dar uma breve descrição dos primeiros anos da vida de K, ele citou algumas de suas passagens mais brilhantes como: “Ao colocar-se um ponto final no apego, surge o amor”, e, “para aprender, compreender a si mesmo, toda autoridade deve ser posta de lado. Nada há a aprender dos outros, inclusive do orador... O orador nada tem para ensinar-lhes. O orador está meramente agindo como um espelho no qual vocês podem se ver. E quando puderem ver a si mesmos claramente, podem jogar fora o espelho”.

Em outra entrevista perguntaram a K: “Se um ouvinte levar suas sugestões a sério e de fato mudar, o que acontecerá a essa pessoa?” K respondeu: “Essa é uma pergunta equivocada. Mude... E veja o que acontece”. Em rede de rádio para a “Voz da América”, no dia 18 de abril, quando lhe perguntaram o que achava do renascimento religioso nos Estados Unidos, ele respondeu: “Não se trata de renascimento religioso. O que é renascimento? É reviver

alguma coisa que já passou, que esta morta, não é? Quero dizer, você pode reviver um corpo semimorto injetando nele poções mágicas, mas o corpo, depois disso, continuará sendo o mesmo corpo antigo. Isso não é religião”. Posteriormente, em uma entrevista ele disse:

Se o homem não mudar radicalmente, se não ocasionar uma mutação fundamental em si mesmo, não por meio de Deus, de orações - tudo isso é muito infantil, muito imaturo - nós nos destruiremos. Uma revolução psicológica é possível agora, não daqui a mil anos. Nós já vivemos milhares de anos e ainda somos bárbaros. Portanto, se não mudarmos agora, ainda seremos bárbaros amanhã, e dentro de mil amanhã... Se eu não parar a guerra hoje, irei para a guerra amanhã. Portanto, o futuro é agora, dito de forma muito simples.

Pág. 256, 257

K encenou a terceira palestra no dia 4 de janeiro de 1986 – a última que ele daria - com estas palavras:

A criatividade é algo muito sagrado. É a coisa mais sagrada que existe na vida e, se você tiver feito uma confusão de sua vida, mude-a. Mude isso hoje, não amanhã. Se estiver em dúvida, descubra o porquê e tenha certeza. Se seu pensamento não é direto, pense de forma direta, lógica. A menos que tudo isso esteja preparado, tudo resolvido, não podemos entrar no mundo da criatividade.

É o final. [Essa última frase mal pôde ser ouvida, foi sussurrada em vez de falada.

Pôde ser ouvida apenas na fita cassete. Não pôde ser ouvida pelo público].

Então, após uma longa pausa, ele acrescentou: “Esta é a última palestra. Querem sentar-se em silêncio juntos por um momento? Muito bem, senhores, sentem-se em silêncio por uns instantes”.

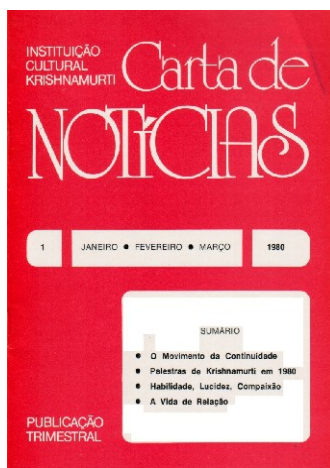
No encontro da Fundação Indiana, que se seguiu às palestras, K insistiu para que as casas onde ele havia morado não se tomassem lugares de peregrinação, que não se criasse um culto em torno dele. Pediu que a cláusula seguinte fosse inserida nas regras e regulamentos da Fundação:

Sob nenhuma circunstância a Fundação ou qualquer outra instituição sob seus auspícios, ou qualquer um de seus membros, irão apresentar-se como autoridades em relação aos ensinamentos de Krishnamurti. Isso está de acordo com a declaração de Krishnamurti de que ninguém, em nenhum lugar, deve apresentar-se como autoridade em relação a ele ou a seus ensinamentos.

Pág. 272

O Movimento da Continuidade

J. Krishnamurti



Primeiramente, examinaremos juntos se o cérebro - parte da mente - com sua capacidade de pensar, de armazenar uma grande quantidade de informações, de conhecimentos, de experiências milenares, se ele, tão fortemente condicionado e em constante desgaste, é capaz de renovar-se. Afirmam os cientistas, com os quais o orador muito tem conversado, existirem duas partes do cérebro: a esquerda e a direita. A esquerda contém todas as informações, o conhecimento tecnológico ou de outras espécies, e o processo ativo. A parte da direita é nova, pouco condicionada e se move para a frente, moldando, controlando ou dirigindo a outra parte. Não sou na matéria um especialista, porém pudemos observar alguma coisa bem diferente, isto é, a totalidade do cérebro, não a parte esquerda ou a direita, mas a natureza desse órgão que tem

evolvido mediante várias experiências, diversas culturas, muitas limitações raciais, variadas pressões sociais e econômicas. O cérebro é uma coisa extraordinária. Controlando o pensar, as nossas atividades, nossas operações sensoriais, etc., poderá ele tomar-se inocente? Usamos a palavra "inocente" no sentido de "não causar dano" (sic), de incapacidade não só de ocasionar dano a outrem, senão também de sofrê-lo.

Observemos a própria mente, o nosso cérebro, porque vamos investigar algo sutilíssimo, sobremodo difícil e, a não ser que nos observemos, perdê-lo-emos por inteiro. No entanto, temos de compreendê-lo, de trabalhar com o "orador e não apenas ouvi-lo. Formulamos uma pergunta bem séria. Estamos desafiando o próprio cérebro para que ele mesmo descubra se tem a capacidade, a energia, a intensidade, o impulso para romper esta continuidade do passado com todas as suas experiências acumuladas, sofrendo as células cerebrais, no rompimento do processo, uma mudança, uma transformação. Preliminarmente, impende compreender a questão, para então concordarem, ou não, com o orador.

O pensamento é um processo material, visto resultar da memória, da experiência, do conhecimento armazenado no cérebro, nas próprias células cerebrais. O cérebro tem funcionado numa direção especial, progride continuamente e contém a memória, a marca da experiência, o saber, donde se origina o pensar. Por conseguinte, o pensamento é um processo material, e ele tem continuidade, por basear-se no conhecimento que é o passado, que por sua vez opera o tempo todo, modifica-se no presente e prossegue em sua rota. Assim, existe um movimento contínuo que é a atividade cerebral. E, nessa continuidade, o cérebro tem encontrado segurança, uma herança permanente, valores, conceitos, julgamentos, avaliações, conclusões, etc., uma tradição contínua que o condiciona e à própria mente. Essa continuidade está no tempo, é duração. Nela o cérebro se apoiou, dela fez uma salvaguarda, porque ele só pode funcionar se livre de perigo; ou protegido por uma crença, por certos tipos de conhecimento, ou amparado numa ilusão. É isto o que nos está acontecendo. Portanto, é óbvio, o cérebro necessita de segurança. Em nós mesmos podemos observá-lo, na própria operação do pensamento, na atividade mental. Qualquer perturbação nesse prosseguimento redundará em neurose e, ao ser a pessoa profundamente abalada, ocorre um trauma. Diante de um grande desafio, não podendo reagir devidamente, nota o cérebro haver sido perturbada a continuidade por ele procurada através da segurança. Observem isso.

Conseqüentemente, dizemos nós: o cérebro, o nosso cérebro, o cérebro dos seres

humanos, desenvolvido no decorrer dos tempos, condicionado pela cultura, pela religião, pelos modelos econômicos e pelas coações sociais, vem mantendo até hoje uma incessante continuidade e com isso ele se tem sentido seguro. É por esse motivo que aceitamos a tradição. Porque na tradição existe segurança, na imitação e na continuidade se encontra abrigo. O mesmo se dá com a ilusão. Todos os nossos deuses constituem ilusões, é claro, criadas pelo pensamento. Dessarte, existe segurança na continuidade que o cérebro procura, Ele se abriga nas ilusórias atividades da vida cotidiana, numa crença, na fé e quejandos. Evidentemente, não necessitamos de crença nem de fé; porém, existindo a fé em deus, em Jesus, em Krishna, ou em outro ser qualquer, nela, nessa crença, nessa devoção, há um sentimento de proteção, de estar na essência da divindade. Tudo isso é ilusão. Assim, perguntamos agora se o cérebro pode fazer cessar esse anseio de continuidade temporal, considerada desenvolvimento, progresso, evolução, baseada na ininterrupta sucessão do conhecimento. E estamos contestando isso.

Espero que estejam imunes à influência do orador, porque, do contrário, passarão a necessitar desse estímulo. Entretanto, se de fato estivemos participando deste desafio, deste movimento, então ele é nosso e como tal permanecerá. Mas, se os ouvintes forem influenciados pelo locutor, estarão sob sua dependência, e ele então se tornará uma autoridade, um detestável guru. E nós não somos nenhum guru. Porque isto de que falamos requer sejamos nossa própria luz, e não a luz de outrem.

Por conseguinte, cumpre examinar a continuidade do chamado viver e o fim dele, a que damos o nome de morte. Morte significa o término de tudo, a destruição do cérebro, esgotamento do oxigênio, etc. Ela expressa um findar; é a interrupção da seqüência da vida, da vida que agora levamos. E para examinar isto, qualquer forma de medo, de opinião, de julgamento, de avaliação, não tem valor algum. Temos de examinar "o que é", a realidade de nossa vida, do nosso viver diário. E o homem durante séculos tem-se apegado a esta continuidade, à permanência da vida, à sua vida, esperando que na próxima existência ele desfrute de melhor oportunidade, mais recursos, uma bela mansão e coisas parecidas. Dessa maneira, estamos indagando se é possível observarmos, examinarmos aquilo que denominamos viver, nossas relações, nossa ambição, nossa avidéz e desejo de poder, de posição social, a ansiedade, o medo, o sofrimento, o prazer, o apego, o desespero, a batalha dos opostos, as contradições. Eis a nossa vida, com todos os nossos deuses, superstições, ideais, e a esperança de algum dia sermos todos irmãos. Assim vivemos cotidianamente, e esse quadro vem-se prolongando de geração a geração. Agora, observem atentamente esta coisa singular chamada "morrer".

Mas, qual é o significado da morte, e qual o significado da vida" Temos considerado a morte como um oposto da vida. Tememos o chamado viver e procuramos evitar ou afastar ao máximo o que designamos por morte. Desse modo, há uma continuidade no tempo, continuidade de nossa tristeza, de nosso medo, do nosso apego, e, quando se quebra ou se perturba esta continuidade, uma outra a substitui, a do apego. Continuidade implica tempo. Tempo é o movimento do pensamento. Tempo exprime movimento, Assim, o movimento da continuidade é tempo, é pensamento. Eis a nossa vida, e não a vida idealística, a vida celestial, paradisíaca, a vida liberta, o ideal da vida não violenta, e todas as invenções levadas a efeito pelo pensamento para fugir da realidade, da existência do dia-a-dia. Portanto, estamos perguntando se esse viver com todas as suas confusões pode terminar, a fim de descobrirmos o significado da morte. Compreenderam? Vamos, porém, devagar.

Estamos apegados a uma casa, a uma pessoa, a uma crença, a uma conclusão, um conceito, um ideal, e coisas idênticas. Temos apegos. Intelectualmente também nos apegamos, pois em nosso interior há desespero, sentimo-nos insulados e, assim, tentamos fugir desse isolamento, denominado "solidão". Você já deve ter sentido esse vazio, se é que se observa um pouco. Essa a razão de nos identificarmos com alguma coisa, geralmente uma criatura, um ideal ou uma agradável experiência. Ora, apego envolve

continuidade, não é mesmo? A própria palavra denota duração. Ao empregamos o termo "relacionamento", aquele que mantemos com a esposa ou o marido, ele encerra a idéia de duração. Apego subentende tempo, duração.

Cumpra não esquecermos que a palavra não é a realidade. A descrição não é o que se descreve. E se nos vincularmos à palavra, perderemos de vista a própria coisa. Eis o que havemos feito. É uma característica do intelecto o gratificar-se com o incentivo das palavras, agarrando-se a ele, e essa operação intelectual ocasionou a destruição ocorrente no mundo. O intelecto é apenas uma parte do todo, e não o todo. E, se a parte domina, tem de haver divisão, crueldade, violência, tal como o intelecto costuma fazer. Ele inventou as nacionalidades - o hindu, o muçulmano, o judeu, o árabe, etc. etc., que se combatem mutuamente, e por lhe havemos dado demasiada importância, vem afligindo a humanidade. Isso não quer dizer que ele não tenha nenhum valor. O intelecto é somente um órgão, parte de um organismo, mas, quando sua ação tem predominância, provoca decadência, degenerescência, como acontece no mundo inteiro.

Ora, nós estamos dizendo que a palavra "apego" implica um senso de permanência, de continuidade, duração, e nesse tempo, nessa duração, esperamos ter uma relação de constante segurança. A morte nos diz: "termine isso". É este o significado da morte: a completa eliminação do apego, porque é o que nos acontecerá ao pararmos de respirar. Teremos de abrir mão de tudo, não é mesmo? Será que todos conhecemos as implicações e conseqüências do apego - do apego a uma casa, a uma propriedade, à esposa, a um conceito, a um princípio, a um deus? É possível sentir o que se acha envolvido no medo, no ciúme, na ansiedade? Ao ouvir o que estou dizendo, poderá você extinguir o seu apego? Este é o teste, e ninguém se dispõe a fazê-lo. Dizemos nós que, quando o cérebro tem continuidade, ele se torna mecânico. Por conseguinte, todo pensar é automático. Não existe pensamento novo, porquanto o pensar se baseia na memória - registro do passado.

Então, a morte implica o findar do apego. Só no findar há um começo. Porque no momento em que ocorre um fim, algo novo acontece. Porém, se existe continuidade, não há nada de novo sobre a face da terra. E isso importa sobremodo, pois, então, o cérebro é capaz de descobrir por si mesmo uma natureza de movimento inteiramente livre do passado. Assim, a morte significa o fim, não apenas do organismo físico, senão de todas as coisas que o homem acumulou. Se elas não terminam, que acontece ao movimento total da consciência - não à sua consciência ou à minha, mas à consciência do homem? Entendem a pergunta? Nossa vida é como um vasto rio no qual existem todas estas complexidades, problemas, dores, sofrimento, ansiedade. Esse rio é tudo isso e somos uma parte dele. Quando a parte morre, a corrente continua. Somos a manifestação dessa corrente, com a mesma natureza e tudo o mais, e dela participamos efetivamente. Interrogamos: Seremos capazes de destruir esta corrente, de afastar-nos do seu curso, e jamais pertencer a ela? Pois a corrente é conflito, confusão, dor, apego, desprendimento, conceitos de certo e errado, uma batalha incessante. Portanto, enquanto estamos vivendo, conscientes, agindo com malícia, precisamos ver que existe alguma coisa que finda voluntariamente, sem um motivo predeterminado. Eliminar voluntariamente o apego é o começo de alguma coisa inteiramente nova. Porque o "eu", o ego, é a continuidade. Há milênios o "eu" vem sendo transmitido geneticamente de geração a geração, e o que continua é mecânico, nada de novo contém. Veremos como é realmente maravilhoso o exame profundo desta questão.

Enquanto o cérebro estiver registrando, isto é, enquanto estivermos alimentando a dor, a mágoa, há continuidade. A mente faz sempre esses registros e isso dá permanência, fortalece a idéia, o sentimento de continuidade, que é considerada diminuição progressiva, um findar do "eu". Uma vez que o cérebro registra como um computador, ele é automático. Ao sermos insultados ou elogiados, ele grava a ocorrência e esse comportamento tem duração milenar. Este é um condicionamento nosso, que constitui um movimento total e progressivo. Ora, perguntamos nós: Será possível não reter nada a não ser o que tem real importância? Porque devemos guardar o insulto ou a lisonja de alguém? Se o fazemos,

essa retenção impede observemos o insultante. Ou melhor, olhamos a pessoa que nos insultou, ou elogiou, com a mente bloqueada, condicionada. Então, nunca vemos realmente a outra criatura. Nosso cérebro torna a registrar. Este registro é a própria continuidade e nela há uma espécie de segurança. Ele quer dizer: já me feriram uma vez e, portanto, não me esquecerei disso, evitando assim que me magoem de novo, tanto física como psicologicamente. Fisicamente, isso tem relevância, mas o terá também psicologicamente? Estão-me compreendendo? Alguém foi ferido, e tal aconteceu porque o ferimento é o mover do tempo, durante o qual formamos uma auto-imagem e, se essa imagem é atingida, sentimo-nos feridos. Enquanto mantivermos essa imagem, poderão ocorrer ressentimentos. Desta maneira, será possível não termos imagem alguma e, em consequência, nada gravarmos ou retermos no decurso de nossa vida?

Escutem cuidadosamente. Estamos lançando a base a fim de descobrir o significado da meditação. Porque, se tivemos medo, não importa o que se faça, não há meditação. Se formos nacionalistas, ambiciosos, ávidos, isto ou aquilo, podemos ficar na ponta dos pés para o resto da vida, mas ignoramos o significado da meditação. Eis porque de início lhes solicitei a maior atenção. A autocompreensão é parte desta meditação, Faz-se mister compreender o sofrimento, a dor, o medo, os anseios, para que a mente, a consciência e todo o seu conteúdo se purifiquem. Cabe, então, perguntar: Será possível não registrar nada psicologicamente, com exceção daquilo que, por importante, deve ser retido? Porque, se temos ordem, se existe ordem em nossa vida, somos livres. Se há ordem total, então essa própria ordem é liberdade. Daí a interrogação: Poderemos registrar apenas as nossas atividades funcionais? Ouçam-me. Trabalhem comigo. Registrar o que é relevante, os dados necessários a uma vida ordeira, no sentido comum da palavra, como, por exemplo, ir ao escritório, reconhecer a esposa ou o marido, verificar o saber adquirido, etc. Ora, psicologicamente, interiormente, coisa nenhuma é tão importante que mereça registro e, portanto, nessa área nada temos que anotar. É isso possível? Intelectualmente, de modo lógico, podemos vê-lo, porém chegar até esse ponto, perceber isso como realidade, e algo bem diferente. Talvez conviesse investigar fundo o problema. Preliminarmente, para nos aprofundarmos na matéria, temos de compreender a natureza da consciência. Que é a consciência? Já fez de si para si essa indagação? A consciência é o seu próprio conteúdo. Sem o conteúdo, ela não existe. O conteúdo é que forma a consciência. Esse conteúdo é a nossa tradição, nossa ansiedade, nosso nome, a posição social. Entretanto, o pensamento, descontente com esta consciência, diz: deve haver uma superconsciência, alguma coisa mais elevada. Todavia, o movimento do que está em baixo para o que está em cima ainda é o movimento do pensamento. O pensamento é um processo material e, assim, ele faz parte desta consciência. Quando o pensamento diz existir uma consciência superior, ele ainda se acha no campo desta consciência que tem continuidade, e continuidade é conteúdo, Perceba este fato, mesmo que seja no sentido verbal ou intelectual. Isso já basta. E esta consciência tem sua continuidade, tal como o apego, o ciúme, etc.

Poderá esta consciência com todo o seu conteúdo - inclusive a mente - compreender o que ela mesma encerra, compreender o significado da duração e tomar uma parte de si própria, digamos o apego, e eliminá-la voluntariamente? Isso equivale a estarmos quebrando a continuidade. Ora, será possível registrarmos só o necessário? Sintam a beleza e as profundas implicações desta pergunta. Parece-me que poderemos fazê-lo. Explicá-lo-ei, mas a explicação não é o fato. Não nos enredemos nas explicações. As explicações podem aproximar-nos da coisa. Quando tal acontece, elas são valiosas. Os comentaristas explanam bem, mas em regra não chegam à realidade. Assim, dizemos nós: o que continua é o movimento do tempo, o movimento do pensamento, e do conhecimento oriundo do passado, que se modifica no presente e segue o seu curso. Eis o inteiro processo do registro, a atividade do cérebro. Esse movimento configura o quadro psicológico. Estão vendo isso?

Conforme dissemos, o conhecimento é continuidade e nela encontra o cérebro segurança,

portanto ele tem de registrar. Mas, o conhecimento é sempre limitado. Não existe conhecimento onipotente. Por conseguinte, como o cérebro obtém segurança através do saber, a este se apega e traduz cada incidente, qualquer acidente, conforme o passado. Desse modo, o cérebro valoriza demais o pretérito, pois ele em si é o passado. E o próprio intelecto acrescenta: Ciente da lógica da precedente explicação, de cunho verbal, percebo que aquilo que continua, que exprime uma seqüência, não contém nada novo, um diferente perfume, nenhum céu desconhecido; porém, haverá um término para essa continuidade, término que não traga riscos para o cérebro? É que, sem esse fator, ele se perde. Deste modo, pensa o intelecto: se faço cessar esta seqüência, que acontecerá? O cérebro, então, pede segurança, e observa, se puder encontrar alguma coisa, o fim e o princípio, bem, nesse caso, me sentirei seguro.

Ora, até agora o cérebro disse "eu preciso funcionar, e só poderei fazê-lo se tiver segurança, decorrente do processo de registro. Isso lhe deu a desejada proteção. E surge você e declara: registre apenas o que for relevante. Com isto o cérebro se perturba, e interroga: Que significam suas palavras? É que ele sempre atuou com uma boa margem de certeza, e desconhece o apoio dado pelo pensamento quando este se encontra no exato lugar. E, ao compreender verdadeiramente que a segurança implica ordem completa, exclusivamente em tudo que é importante, então o cérebro revela haver solucionado o problema, o que expressa haver tido uma clara percepção de todo o movimento da continuidade. Vale isso como uma iluminação íntima, nascida da própria ordem, ou seja o cérebro colocou tudo nos lugares certos. Daí surge, intuitivamente, a compreensão do inteiro movimento da consciência. Por conseguinte, o cérebro só reterá na memória o indispensável. Compreenderam? Isso quer dizer que a atividade do cérebro sofre uma mudança, a sua própria estrutura se transforma, porque o ver alguma coisa pela primeira vez, uma coisa nova, determina uma diferente operação. Estou sendo claro? Os braços, por exemplo, se desenvolvem com a movimentação. Quando o cérebro faz um descobrimento, ele contempla algo novo, nasce uma nova função, surge um outro organismo. Eis porque acentuamos: É imprescindível à vida do cérebro que ele rejuvenesça, se torne viçoso, sem danos, cheio de ânimo, e isso acontece quando não há, efetivamente, nenhum registro psicológico.

(Do boletim nº 37 da "Krishnamurti Foundation")

Extraído da Carta de Notícias Nº 1 de 1980

Sétima palestra em Oak Grove, Ojai

Em 17 de Maio de 1936



Devemos ter freqüentemente perguntado a nós próprios, se porventura existe algo dentro de nós que tenha continuidade, um princípio vivo que tenha permanência, uma qualidade que seja perdurável, uma realidade que persista através de toda transitoriedade. Em minha palestra desta manhã, vou tentar explicar o que está por detrás deste desejo de continuidade, e ponderar se existe realmente qualquer coisa de permanente.

Eu vos sugeriria que tivésseis a bondade de escutar o que eu disser, com pensamento crítico e discernimento.

A vida está a todo o momento em um estado de nascer, de surgir, de vir-a-ser. Neste surgir, neste vir-a-ser por si mesmo, não há continuidade, nada que se possa identificar como sendo permanente. A vida está em constante movimento, em ação; cada momento dessa ação, jamais existiu anteriormente e jamais

existirá de novo. Cada novo momento, porém, forma uma continuidade de movimento.

Ora, a consciência forma a sua própria continuidade como individualidade, pela ação da ignorância, e apega-se, numa ânsia desesperada, a essa identificação. Que vem a ser esse algo ao qual cada individuo se aferra, esperando que ele seja imortal, que esconde o permanente ou que para além dele reside o eterno?

Este algo a que cada um se apega é a consciência da individualidade. Esta consciência compõe-se de múltiplas camadas de lembranças, as quais vêm à existência ou se mantêm presentes onde houver ignorância, ânsia e carência. A ânsia, a carência, a tendência sob quaisquer das suas formas, tem de criar conflito entre si própria e aquilo que a provoca, ou seja o objeto da carência; este conflito entre a ânsia e o objeto, pelo qual se anseia, aparece na consciência como individualidade. Portanto, é realmente este atrito que procura perpetuar-se a si mesmo. Aquilo que intensamente desejamos que continue, nada mais é que o atrito, a tensão entre as várias formas do anseio e seus agentes provocadores. Este atrito, esta tensão, é essa consciência que sustenta a individualidade.

O movimento da vida não tem continuidade. Está a cada momento, surgindo, vindo à existência, estando, portanto, num estado de ação, de fluxos perpétuos. Quando o indivíduo anseia pela sua própria imortalidade precisa discernir qual o profundo significado desse anseio e o que é que se deseja que continue. A continuidade é o processo auto-mantenedor da consciência, do qual surge a individualidade, através da ignorância que é o resultado da carência, do anseio; daí provém o atrito e o conflito nas relações mútuas, na moral e na ação.

O processo do “eu”, que busca perpetuar-se, nada mais é que acúmulo de anseios. Este acúmulo e suas lembranças constituem a individualidade a que nos aferramos e ansiamos por imortalizar. As múltiplas camadas de lembranças, tendências e carências acumuladas, constituem o processo do “eu”; e nós desejamos saber se este “eu” pode viver para sempre, se pode ser tornado imortal. Será possível que estas lembranças auto-protetoras se tornem ou sejam tornadas permanentes? Ou existirá o permanente passando através delas com um fio sólido? Ou existirá o eterno para além desse atrito e limitação, que é o processo do “eu”? Desejamos tornar permanentes as limitações acumuladas, ou imaginamos que através dessas camadas de lembranças, de consciência, existe algo de perdurável. Ou imaginamos ainda que para além destas limitações da individualidade, deve existir o eterno.

Novamente vos pergunto: podem as lembranças da ignorância acumulada, das carências e

tendências, de onde surgem o atrito e a tristeza, ser tornadas perduráveis? Esta é a questão. Não nos é impossível aceitar profundamente a asserção de que através da individualidade corre algo de eterno, ou que para além desta limitação existe algo de permanente, pois esta concepção somente pode basear-se na crença, na fé, ou naquilo que denominamos intuição e que é quase sempre preenchimento de desejo. Em virtude das nossas inclinações, esperanças e anseios de auto-perpetuação aceitamos teorias, dogmas e crenças que nos proporcionam a segurança da auto-continuidade. Não obstante, a incerteza profunda continua, e a ela tentamos fugir buscando a certeza, empilhando crença sobre crença, mudando de um sistema para outro, seguindo instrutor após instrutor, nada mais fazendo, por esse modo, que aumentar a confusão e o conflito.

Ora, eu não desejo criar outras crenças ou sistemas; quero ajudar-vos a discernirdes por vós próprios se existe a continuidade, e a compreenderdes o seu significado.

Portanto, a questão importante é esta: pode o processo do "eu" ser tornado permanente? Pode a consciência das tendências, das carências e lembranças acumuladas, de onde surge a individualidade, ser tornada permanente? Por outras palavras, podem essas limitações tornarem-se o eterno? A vida, a energia acha-se em perpétuo estado de ação, de movimento, no qual não pode haver continuidade individual. Como indivíduos, porém, anelamos perpetuar-nos; e quando discernirdes profundamente o que é individualidade, perceberéis que ela nada mais é que o resultado da ignorância, sustentando-se a si própria por meio de múltiplas camadas de lembranças, de tendências e carências. Estas limitações têm que inevitavelmente causar tristeza e confusão.

Poderão estas limitações a que chamamos individualidade ser tornadas permanentes? É realmente isso que a maioria das pessoas procura ao desejar a imortalidade, a realidade ou Deus. Preocupam-se profundamente com a perpetuação de sua própria individualidade. Pode a limitação tornar-se eterna? A resposta é óbvia. Se o indivíduo discernir profundamente a sua evidente transitoriedade, haverá, então, a possibilidade de realizar o permanente, e somente nisso residem o verdadeiro parentesco, (as relações mútuas), a moral.

Ora, se o indivíduo puder discernir profundamente o surgimento do processo do "eu" e se tornar intensamente apercebido do construir das limitações e da sua transitoriedade, então esse mesmo apercebimento produz a sua dissolução; e nisso está o permanente. A qualidade dessa permanência não pode ser descrita, nem tampouco pode o indivíduo procurá-la. Ela vem à existência com o discernir do processo transitório do "eu". A realidade do permanente só pode vir como um acontecimento, dá-se por si mesma, não pode ser cultivada. O indivíduo, ou busca o que é permanente, algo que seja perdurável, para além de si próprio, ou tenta tornar-se ele próprio esse permanente. Ambas, as concepções são errôneas. Se procurais o eterno para além de vós mesmos, tendeis a criar ilusões, a ficar presos nelas, elas só vos oferecem meios de fugir da realidade, e nisso não pode haver compreensão daquilo que é. O indivíduo deve conhecer-se a si próprio e, conhecendo-se, será então capaz de discernir se existe ou não a permanência. Nossa busca do eterno tem que levar-nos à ilusão; se, porém, mediante um vigoroso esforço e experiência, pudermos compreender-nos profundamente a nós próprios, e discernir o que somos, somente então poderá surgir o permanente – não a permanência de algo fora de nós, porém essa realidade que vem à existência quando o transitório processo do "eu" não mais se perpetuar.

Para muitas pessoas, o que digo ficará como uma teoria, será vago e incerto; se, porém, discernirdes o seu valor ou o aceitardes como uma hipótese, não como uma lei ou um dogma, então podereis compreender seu ativo significado na vida cotidiana. Nossa moral, nossa conduta, nossos conceitos e anseios estão fundamentalmente baseados no desejo de auto-perpetuação. O "eu" nada mais é que o resultado das lembranças acumuladas, que ocasiona atrito entre si próprio e o movimento da vida, entre os valores definidos e os indefinidos. Este mesmo atrito é o processo do "eu", e este não pode ser tornado o eterno.

Se pudermos alcançar isso fundamental e plenamente, então toda a nossa atitude e esforço terão um significado e propósito diferentes.

Há duas espécies de vontade – a vontade que nasce do desejo, da carência, do anseio, e a vontade que vem do discernimento, da compreensão. A vontade resultante do desejo, baseia-se no esforço consciente da aquisição, seja ela resultante da carência ou da não-carência. Este esforço consciente ou inconsciente de querer, de ansiar, cria a totalidade do processo do "eu", e daí surgem o atrito, a tristeza e a cogitação do além. Deste processo surge também o conflito entre os opostos e, portanto, o combate constante entre o essencial eu o não-essencial, entre a escolha e a não-escolha. E deste processo surgem várias paredes auto-protetoras de limitação, que impedem a verdadeira compreensão dos valores indefinidos. Ora, se nos apercebermos deste processo, e de que havemos desenvolvido uma vontade em virtude do desejo de adquirir, de possuir e que essa vontade está criando conflito, sofrimento e dor contínuos, então dar-se-á, sem esforço consciente, a compreensão da realidade, que pode ser chamada o permanente.

Discernir que a carência está presente onde existir ignorância e, portanto, produz sofrimento, e apesar disso não permitir à mente adestrar-se a não querer, é tarefa inteligente e difícil. Podemos discernir que o possuir, o adquirir, cria sofrimento e perpetua a ignorância, que o movimento do anseio impede o discernimento nítido. Se refletirdes a respeito, perceberéis que é assim. Quando não mais existir carência nem não-carência, dar-se-á a compreensão daquilo que é o permanente. É um estado sutil e difícilimo de compreender; não ser aprisionado entre os opostos, entre o renunciar e o aceitar, exige um esforço vigoroso e reto. Se formos capazes de discernir que os opostos são errôneos, que levam necessariamente ao conflito, então, esse mesmo discernimento, esse apercebimento produz a iluminação. É muito difícil falar a respeito disto, porque, seja qual for o símbolo de que nos sirvamos, tem ele que acordar na mente um conceito que contém em si o oposto. Se, porém, pudermos discernir plenamente que, pela nossa ignorância criamos tristeza, então se dará a efetivação do processo oposto.

O discernir exige reto esforço e somente nesse reto esforço está a compreensão do permanente.

Extraído do livro "Ojai-1936", pág. 89 - 96

Artigo

"Os Ensinos Completos" e a Internet

Extraído do boletim "Krishnamurti Foundation Trust Newsletter - Spring 2008"

Em 2002, a KFA* e a KFT**, que juntas são responsáveis pelo controle dos direitos autorais da obra de Krishnamurti, criaram um Conselho Editorial para levar a cabo o grande projeto de editar e publicar o que, depois de muita discussão, veio a ser chamado "Os Ensinos Completos" (The Complete Teachings). O primeiro obstáculo a ser superado foi "Quando eles devem começar?". Como muitos de nós sabemos, o CD-ROM começa no ano de 1933, mas pareceu uma boa idéia dar uma nova olhada para verificar se isso era também apropriado para o projeto Ensinos Completos. Deveriam os trabalhos anteriores a 1933 ser incluídos? E se não, por que não?

Os argumentos pró e contra a inclusão foram largamente analisados e a visão do próprio Krishnamurti foi cuidadosamente levantada e examinada. Finalmente ficou claro que o próprio K apoiou diversas vezes explicitamente e, no caso do CD-ROM pelo menos, implicitamente, o ano de 1933. (Embora não seja um argumento decisivo em si mesmo, ressalta talvez o fato de que K, a partir de 1933, não mais usou a palavra "self" - "si mesmo", "próprio" - num sentido positivo, ao passo que o fazia nos anos anteriores).

Em relação aos ensinamentos anteriores a 1933, K citou alguns que não gostaria que fossem republicados e também declarou que havia outros materiais dos primeiros anos que ele não desejaria que fossem publicados sem uma revisão. À luz da visão de K, e por ser ele o autor, as Fundações então decidiram que o que era conhecido como pré-1933 "early works" (trabalhos do início) não integrariam o projeto Ensinos Completos, mas seriam certamente preservados em arquivos onde estariam disponíveis ao público que os requisitasse, com uma explicação do seu status.

Ao mesmo tempo percebeu-se que alguns tinham certamente valor como "ensinamentos", mas, para as Fundações, tentar determinar tal condição rigidamente, representaria não somente uma grande dificuldade, como também implicaria numa "autoridade institucional" que as Fundações não têm o desejo de reivindicar.

Por esse motivo, os Curadores das Fundações consideraram que a decisão de incluir no projeto apenas o material aprovado sem reservas pelo próprio K, era a maneira mais razoável de exercer a função de "preservar a integridade dos ensinamentos", que K lhes conferiu. Registre-se que alguns dos primeiros trabalhos (early works) já não estão mais protegidos por direitos autorais e com certeza todos eles e todos os trabalhos posteriores a 1933 terão o mesmo destino (e talvez mais rapidamente sob o ímpeto da Internet do que os atuais limites legais permitem). Mas isso, é claro, é irrelevante diante das claras responsabilidades das Fundações de controlar o status dos primeiros trabalhos (early works) dentro da vasta extensão dos ensinamentos de K.

Para dar uma idéia do quão vastos eles são, estima-se que o material posterior a 1933 sozinho alcance 400 livros de tamanho médio (70 publicados). Tudo isso requer checagem das transcrições e a necessária edição. Boa parte desse trabalho tem sido feita nos últimos anos, mas a tarefa é enorme. Foram necessários 70 anos para produzir o primeiro Oxford English Dictionary. Esperamos ser mais rápidos, e começamos bem, mas será necessário um firme apoio de pessoas qualificadas - e, é claro, financiamento.

David Skitt

Na próxima página, um texto anterior a 1933.

Um texto anterior a 1933

A Finalidade da Vida

1ª palestra em Omnen, Holanda – 1928

Como a nuvem perseguida pelos ventos através do vale, é o homem, por toda parte, tangido através da vida. Não tem o homem um desígnio fixo, não tem compreensão do significado da vida, semelhando as nuvens, que não têm onde repousar, afugentadas de vale em vale, sem sossego, sem tranqüilidade, sem paz. O homem não tem alvo, está cego para a finalidade da vida e nele - e portanto no mundo - domina o caos e a desintegração.

E qual é a finalidade da vida? É a liberdade da vida, a libertação da vida de todas as coisas, libertação que se realiza depois de havermos passado por todas as experiências e quando, portanto, estamos além de toda experiência. Desejo mostrar-vos que, para preencherdes a vida, como eu a preenchi, deveis acolher alegremente em vossos corações

“Acolhei de todo o coração o sofrimento; não o rejeiteis, porque o sofrimento traz o perfume da compreensão”

toda experiência, quer agradável, quer desagradável, para que façais vossa vida completa como a gota de chuva. Temeis o sofrimento, julgando-o terrível, humilhante. A experiência do sofrimento dá-vos força, força para vos sustentar na luta, que também é experiência. Acolhei de todo o coração o sofrimento;

não o rejeiteis, porque o sofrimento traz o perfume da compreensão, ele é o criador da afeição e vos põe numa harmonia imensa com a vida. A dor e o prazer, o mal e a virtude só têm significação quando determinamos o nosso-alvo; porque o alvo nos dá constantemente a ajuda de sua compreensão.

Alcançar a Verdade é desdobrar a vida, é dar-lhe a mais ampla possibilidade de expressão. Para mim, a única meta, o único mundo que é eterno, que é absoluto, é o mundo da verdade. O homem a quem essa visão se manifestou, tem sempre diante de si, ainda que empenhado nas lutas do mundo, esse alvo eterno. Embora ele peregrine por entre as coisas transitórias, ainda que se perca nas sombras, sua vida será sempre guiada por esse alvo, que é a libertação de todos os desejos, de todas as experiências, de todas as tristezas, dores e lutas. Para aquele que deseja descobrir o eterno, é de capital importância o estabelecimento desse alvo, que não é o alvo de outro homem, a visão de outro homem, o resultado do sofrimento de outro homem, mas sim o alvo nascido da própria experiência, da própria compreensão. Esse alvo, uma vez estabelecido, lançará luz na confusão do seu pensamento, clarificando o seu desígnio na vida. Desejo que isso se torne em vossas mentes, como se tornou na minha, o verdadeiro fundamento de todos os vossos pensamentos e todos os vossos sentimentos.

Uma vez que tendes sentido a realidade desse alvo - quer sejais artista, quer músico, economista, educador, estareis criando no abrigo da eternidade, e não na sombra do presente. A maioria das pessoas, neste mundo, está aprisionada no presente. Tornou-se o presente uma sombra imensa e envoltos nessa sombra criam os homens, sem a compreensão da verdade. Mas, para que compreendam o eterno, precisam eles saber que a Verdade é uma só, que a Vida é uma só, embora essa Vida se expresse por muitas maneiras. Entretanto, pelo mundo todo, procuram os homens a unidade na expressão da vida, em vez de a procurarem na própria vida. A vida não tem temperamento, a vida não tem cor, não tem limitações, nem barreiras; existem estas coisas somente para aquele que procura utilizar a vida como o fundo, e não a si próprio como o fundo, a tela sobre a qual deverá a vida pintar o seu quadro.

Não tenho dúvida de que o caos, a angústia e a luta da atualidade se devem a que a vida está tolhida, mutilada, e a Verdade condicionada e limitada. Em todas as partes do mundo

impuseram os seres Humanos uma limitação à verdade, "reduziram" a verdade (emprego aqui o termo reduzir no seu sentido técnico, assim como se reduz uma corrente elétrica, numa usina de força). Não se pode "reduzir" a Verdade por essa maneira. Impondo uma limitação à Verdade, os homens a traíram. Para eles, o fator predominante não é a compreensão da vida, mas sim a crença num sem número de doutrinas, deuses e religiões. Mas a compreensão da vida é muito mais importante, muito mais vital do que os vínculos com que nos prendem os nossos inumeráveis credos, religiões, dogmas e teorias

Tendes professado diferentes crenças, aderido a vários dogmas, entregue a vossa vida e vossos pensamentos aos credos e à servidão das religiões; e em nada disso tendes encontrado a felicidade perene. Tendes passado de uma limitação para outra, de uma estreita prisão para outra talvez mais ampla, mas não tendes experimentado o desejo de despedaçar todas as prisões, de partir as grades que limitam, que destroem e torturam. Porque, em vez de dardes primazia à vida, vós a destes às crenças, aos credos, aos dogmas, às religiões, criastes a estagnação. Podeis imobilizar as águas do mar ou aprisionar os ventos em vossa mão fechada? A religião, como eu a entendo, é pensamento que se cristalizou, que se congelou, e com o qual os homens edificaram os seus templos e as suas igrejas. No momento em que atribuísteis à autoridade uma lei e uma ordem espiritual e divina, estais limitando, sufocando aquela mesma vida que desejais preencher, à qual desejáveis dar a liberdade. Havendo

“Cavar uma passagem, através do presente, para o eterno, eis a finalidade do homem”

limitação, há prisão, e portanto sofrimento. O mundo na atualidade é a expressão da vida numa prisão. Assim, pois, de acordo com meu ponto de vista, as crenças, as religiões, os dogmas e os credos nada têm que ver com a vida, e portanto nada têm que ver com a Verdade. A trama da vida é tecida das coisas ordinárias da vida, e essas coisas comuns vós podeis controlar. Podeis imprimir-lhes originalidade, criar grandes coisas, com elas, ou podeis destruí-las com a vossa falta de compreensão. A trama da vida e a compreensão da mesma dependem de vós, e não de outrem. Se transferis a outrem o controle de vossa vida, encontrareis a infelicidade, ficareis sujeito à autoridade, a qual pode ser deitada abaixo, como uma árvore, desaparecendo o conforto que vos proporcionava a sua sombra. Por tal modo limitada e traída a Verdade, ergue-se na mente e no coração o temor, o temor oriundo da noção do bem e do mal. O temor resultante de uma moral estreita, da idéia de céu e inferno. E sobre esse fundo de temor vós pincelais as vossas inumeráveis crenças, que impõem limitação à vida. Em razão desse temor, existe o desejo de conforto. Mas eu vos digo que não deveis buscar o conforto, porém a compreensão. A busca de conforto é a vida na servidão, a busca de compreensão é a vida em liberdade; liberdade que só podereis conquistar pela experiência. Como pode haver conforto, a não ser pela compreensão da Verdade? Desejais atingir o alvo sem luta e sem lágrimas. Uma botica espiritual é o que procura a maioria das pessoas; o que procuram são antídotos para os seus temores. É por essa razão que recorreis à ajuda estranha, para vos sustentar. Tendes medo de encarar qualquer fraqueza que acaso resida em vós. Receais olhar de frente a vós mesmos e temeis o esforço da conquista. Desafeitos às grandes altitudes, aos grandes ermos, à solidão, à vida eterna, julgais necessário levardes convosco os vossos amigos, as vossas qualidades, vossas igrejas, vossos padrões morais, vossos títulos, vossos vínculos, ritos e religiões. Nessas alturas sublimes não necessitais dessas coisas.

Na sombra do presente está o homem preso, envolvido, e criando, assim, o sofrimento. É a vida para ele uma luta contínua, um atrito contínuo, um choque contínuo. Cavar uma passagem, através do presente, para o eterno, eis a finalidade do homem. Deve todo ser humano entregar-se à tarefa de perfurar esse túnel, que representa o caminho direto para se alcançar a vida. E esse túnel, que é o único caminho que conduz ao preenchimento da vida, está dentro de vós mesmos. Nesse túnel não há regressar, porque lançais para trás o que removeis de vossa frente. Não podeis ir senão para diante, e para tal conseguirdes

deveis descobrir a Verdade, pois, do contrário, cessará o progresso, como tal. Avançar, tendo na mente a firme determinação de descobrir o eterno além da sombra do presente, essa é a finalidade da vida.

E, uma vez tendes estabelecido esse alvo, que é o preenchimento da vida, que é a vossa libertação de todos os desejos, de todas as experiências, de todas as tristezas, penas e lutas, encontrareis, então, no abrir desse túnel, um verdadeiro êxtase.

Extraído do livro “A Finalidade da Vida”

* KFA – Krishnamurti Foundation of America – EUA

** KFT – Krishnamurti Foundation Trust - Inglaterra